

Sumário

Apresentação à edição brasileira | **11**
Ulisses F. Araújo

Prefácio | **17**

1 • Jovens vidas sem rumo | **23**

2 • Por que ter um projeto vital é fundamental
para progredir | **46**

3 • Quem está progredindo e quem ainda
está sem rumo? | **70**

4 • Perfis de projetos vitais | **97**

5 • Ultrapassando a cultura do imediatismo | **123**

6 • O papel dos pais no projeto vital | **142**

7 • Uma cultura de projetos vitais para todos os jovens | **173**

Apêndice: questionário da pesquisa sobre
projetos vitais na juventude | **195**

Apresentação à edição brasileira

ULISSES F. ARAÚJO*

EM 27 DE JULHO DE 2008, o jornal *Folha de S.Paulo* publicou o caderno especial “Jovem século 21”, que procurou traçar o perfil dos brasileiros de 16 a 25 anos. Nesse número, Iago Bolívar, colaborador do jornal, conta brevemente a história de três jovens irmãos:

os gêmeos Cleuton e Cleiton Souza, de 19 anos, lutam para ser diferentes dos colegas que viram cair na droga e no crime. Estudantes do segundo ano do ensino médio, eles vinham buscando emprego há meses. Depois de rodarem São Paulo e se acostumarem a enfrentar filas, sua busca chegou ao fim: foram chamados para trabalhar em uma obra em frente à casa em que moram... no mesmo dia, o irmão mais velho, Elton, de 21 anos, foi chamado para trabalhar em uma metalúrgica... cada um deles ganhará R\$ 754 mensais, que planejam poupar. Eles querem terminar o ensino médio e, após algum tempo de trabalho, fazer outros cursos.

Essa história relata o perfil de uma parcela dos jovens brasileiros e sua luta para dar sentido à vida conciliando estudo e trabalho, mas, acima de tudo, demonstrando que estão construindo um projeto de vida calcado na realidade do mundo em que vivem. Eles parecem estar cientes de que, para atingir a felicidade pessoal e profissional

* Professor livre-docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo.

futura, necessitam preparar-se por meio dos estudos e iniciar-se em uma profissão.

Diferentes de muitos jovens brasileiros que parecem não ter essa consciência sobre o futuro e um projeto que lhes aponte caminhos e direção – e muitas vezes se enredam no mundo das drogas, da apatia e do crime –, os irmãos Cleuton, Cleiton e Elton refletem o perfil de jovens batalhadores que ultrapassam as características de sonhadores ou de desengajados, vistas muitas vezes como *normais* na juventude. Eles têm os requisitos que a sociedade geralmente considera essenciais para a vida adulta.

Aliás, cabe destacar, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), jovens são as pessoas entre 15 e 24 anos de idade e, do ponto de vista sociológico, encontram-se numa fase de preparação para a vida adulta. Estão (idealmente), como no caso dos irmãos Souza, preparando-se para escolher uma carreira, aprendendo uma profissão ou já dando os primeiros passos de ingresso no mercado de trabalho. O que diferencia ou aproxima esses jovens de tantos outros é uma das questões que poderá ser compreendida neste livro.

O título da obra – *O que o jovem quer da vida?* – prenuncia a discussão que William Damon quer promover com os próprios jovens, seus pais, professores e todos aqueles envolvidos, de alguma maneira, com a formulação de políticas públicas e trabalhos sociais com as juventudes (sim, no plural, pois não se pode falar de um único tipo de juventude nas multifacetadas sociedades contemporâneas).

Professor da Universidade de Stanford e diretor do Stanford Center on Adolescence, nos Estados Unidos, Damon é um dos mais renomados psicólogos do desenvolvimento humano, com vasta experiência em pesquisas sobre a moralidade. Nos últimos anos, tem estudado a importância da construção de projetos vitais no desenvolvimento dos jovens e na sociedade, e este livro é o resultado de suas primeiras reflexões sobre o tema.

Jovens desengajados ou sem projetos vitais, sonhadores, superficiais e com projetos vitais (nobres ou antissociais) são as categorias que o autor desenvolverá no transcorrer do livro, resultantes de suas pesquisas sobre a juventude americana. Além disso, discute o papel que família, escola, mentores e outros membros de instituições sociais podem ter na construção e no apoio aos projetos vitais nobres (morais) dos jovens.

Essa discussão ajuda a compreender os valores da juventude contemporânea na perspectiva da chamada “psicologia positiva”, que estuda as fortalezas e virtudes humanas, e não apenas as debilidades e patologias. Ou seja, o foco é promover, de forma pró-positiva, a construção de projetos vitais nobres por parte dos jovens, ajudando-os a desenvolver um sentido de bem-estar duradouro por toda a vida, além de encorajá-los a realizar suas mais altas aspirações pessoais e profissionais.

Qual o conceito de projeto vital? O termo em inglês usado por Damon é “purpose”. De acordo com o *Michaelis – Moderno dicionário inglês*, *purpose* pode ser traduzido como “propósito: a) desígnio, intento, intenção; b) sentido, objetivo, finalidade”. Dessa tradução, a melhor definição para um trabalho sobre a moralidade humana é “sentido, objetivo, finalidade”.

Em português, talvez o significado mais próximo de *purpose* seja “projeto”, no sentido da discussão promovida por Nilson Machado*. Baseado em Ortega y Gasset, para quem “[...] nossa vida é algo que é lançado no âmbito da existência, é um projétil, só que este projétil é que tem, por sua vez, que escolher o alvo... o fator mais importante da condição humana é o projeto de vida que inspira e dirige todos os nossos atos”, Machado afirma que “a ideia de projeto parece caracterizar a vida humana, uma vez que a consciência pressupõe uma ação projetada, que estar vivo é pretender algo, é estar-se permanentemente lançando em busca de alguma meta prefigurada em uma configuração moral”.

* MACHADO, N. “A vida, o jogo e o projeto”. In: MACHADO, N.; MACEDO, L.; ARANTES, V. *Jogo e projeto: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2006.

Independentemente das variações linguísticas e culturais, depreende-se que os significados de *purpose* e de *projeto* se aproximam: ambos designam uma das condições para dar sentido ético à vida das pessoas e à sociedade.

Mas não apenas isso, pois é necessário qualificar esse projeto, de modo que ele se torne o centro dos interesses de uma pessoa e seja constituinte de sua identidade. Daí a razão de chamar de “projeto vital” o que Damon define como *purpose*. De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o verbete “vital” significa, entre outras coisas, aquilo “que desempenha função essencial num organismo”. Para o *Michaelis – Moderno dicionário da língua portuguesa*, vital é aquilo que é “essencial, fundamental, constitucional”.

Assim, projetos, objetivos, finalidades dão sentido à vida das pessoas, organizam pensamentos e ações e estão relacionados com sistemas de valores. Se de forma intencional e dialética os projetos vitais e as finalidades de vida das pessoas atendem a um duplo objetivo – o de buscar simultaneamente a felicidade individual e coletiva –, baseiam-se em princípios de ética. Podemos, então, estar diante de valores morais – ou do que William Damon denomina “projetos vitais nobres”.

Isso nos conduz a uma segunda acepção de projeto vital. Como o próprio autor esclarecerá nas páginas 53 e 54 deste livro, esse tipo de objetivo de vida não é algo simples e comum, como divertir-se por uma noite, passar numa prova ou comprar um par de sapatos. O projeto vital pressupõe um desejo de fazer diferença no mundo, de realizar algo de sua autoria que possa contribuir para a sociedade. Por isso, a definição adotada pelo autor é a de que “projeto vital é uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o *eu* e gera consequências no mundo além do *eu*”. Assim, um projeto vital é a razão por trás das metas e dos motivos imediatos que comandam o comportamento diário. Se o projeto vital tem características de alcance social, beneficiando o

próprio sujeito e aqueles à sua volta, pode ser considerado nobre. Se visar metas destrutivas, contra o interesse de alguns ou da sociedade, pode ser considerado antissocial.

Embora pesquisas sobre valores e projetos da juventude sejam bastante frequentes atualmente, e busquem identificá-los em crianças, jovens e adultos na sociedade contemporânea, a maioria delas volta-se para “fotografias estanques”, momentâneas. Elas não têm essa característica do projeto vital, de vínculo com perspectivas de futuro que buscam extrapolar o *eu* para beneficiar o mundo e a sociedade. Daí a importância e a inovação trazidas pelas pesquisas de William Damon.

Vale a pena conhecer as ideias, as críticas, as propostas e os conselhos do autor. A publicação deste livro contribuirá, com certeza, para compreendermos melhor a juventude brasileira, a vida dos irmãos Souza e de tantos outros jovens com trajetórias semelhantes. Além disso, vai orientar pais, escolas e os próprios jovens na canalização de esforços que os levem à construção de projetos vitais nobres, com benefícios para cada um deles e para a sociedade como um todo. Espero, também, que provoque o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema na realidade brasileira.

Prefácio

EM MINHA CARREIRA como psicólogo-pesquisador, sempre escolhi temas de estudo que me pareceram interessantes e relevantes (de outro modo, não teriam merecido minha atenção); contudo, nunca me senti *compelido* a explorar um assunto em especial. A ideia de estudar projetos vitais seduziu-me de forma diferente. Não me pareceu apenas mais um tema de pesquisa, e sim o coroamento do trabalho que venho realizando há mais de trinta anos acerca de compromisso moral, educação do caráter e desenvolvimento humano. E não é só isso: em uma época em que a sensação de vazio generalizada assoma como um dos maiores perigos psicológicos contemporâneos, o estudo sobre motivação e projetos vitais pareceu-me crucial num sentido social.

Em meu trabalho anterior, deparei muitas vezes com essa noção, só que de forma vaga e indireta, como se observada através de um telescópio com lentes mal reguladas. Nenhum de meus estudos anteriores era propriamente sobre projetos vitais; mesmo assim, hoje percebo que muito daquilo que estive tentando compreender por tantos anos, na verdade, gira em torno do tema. Um estudo que conduzi (com Anne Colby) sobre compromisso moral chegou à conclusão de que pessoas que perseguem objetivos nobres são cheias de alegria, apesar dos constantes sacrifícios que enfrentam para realizá-los.¹ Em uma série subseqüente de estudos (com Howard Gardner e Mihaly Csikszentmihalyi) sobre homens e mulheres que fizeram um “bom trabalho” de valor social na carreira, impressionou-me a vivacidade com que essas pessoas respondiam às nossas questões sobre o que

elas estavam tentando realizar e por quê.² Havia um projeto vital sublime que não lhes saía da cabeça, guiava seus esforços diários e era a preocupação central, essencial para o sucesso pessoal de cada um – dava-lhes energia; dava-lhes satisfação quando alcançavam seus objetivos; e dava-lhes persistência quando encontravam obstáculos. Mais tarde, quando fui convidado a ajudar a criar oficinas educativas para promover o bom trabalho entre jornalistas, meus colegas e eu descobrimos que a pergunta de abertura mais conveniente para nossas oficinas era: “Que objetivo você tenta atingir com seu trabalho?”³

Esse trabalho me levou a investigar como os jovens encontram seu projeto vital. Os adolescentes os têm? Em caso afirmativo, como os adquirem? Que projetos, além daqueles relacionadas à carreira, inspiram os jovens de hoje? O que acontece quando os jovens são incapazes de encontrar uma causa para se devotar? Este livro é um balanço dos primeiros insights que meus alunos e eu fomos adquirindo em nossa pesquisa inicial nesses questionamentos.⁴

Este é o terceiro livro que escrevo sobre o desenvolvimento de jovens para um público leigo – um por década, ao que parece, desde 1988: *The moral child* [A criança moral], em 1988; *Greater expectations: overcoming the culture of indulgence in our homes and schools* [Grandes expectativas: superando a cultura da indulgência em casa e na escola], em 1995; e *O que o jovem quer da vida?*, agora. Olhando para trás, posso ver que cada livro foi, em certo grau, produto de seu tempo. Durante a década de 1980, eu estava preocupado com a ética do relativismo moral que agitava as correntes intelectuais da cultura americana e começava a se espalhar pelas escolas e pela mídia. Em *The moral child*, defendi a universalidade dos valores morais básicos e a importância da transparência na educação moral dos jovens. Um considerável número de pessoas leu o livro, mas isso certamente não teve muito impacto em nossas práticas culturais. Com efeito, na década de 1990 a política educacional infantil estava completamente dominada por abordagens

que encaravam com desconfiança os padrões morais – aliás, quaisquer padrões –, como se fossem vestígios de um tradicionalismo insensível. A autoestima havia se tornado o Santo Graal da educação infantil, e os pais foram aconselhados a evitar “traumatizar” seus filhos (supostamente) frágeis ao exercer sua autoridade com demasiado vigor ou ao exigir deles um esforço na busca de excelência e na aceitação de desafios, e ao controlar seu comportamento segundo as restrições éticas. Em resposta a isso, escrevi *Greater expectations*. Dessa vez, creio, as pessoas prestaram atenção (não apenas em mim – outros críticos sociais com a mesma opinião externaram preocupações semelhantes). No final da década, expressões como “padrões elevados” e “formação do caráter” entraram para o repertório de educadores influentes e administradores públicos ao falarem de suas políticas para o jovem. Muita coisa começou a melhorar: a criminalidade juvenil, até certo ponto, diminuiu; o trabalho voluntário entre os jovens aumentou consideravelmente; e a maioria dos “experts” deixou de considerar a autoestima como objetivo maior do desenvolvimento humano. Esses, creio eu, são excelentes progressos, um aumento na capacidade de proporcionar bem-estar e perspectivas de futuro aos nossos jovens. E muitos jovens hoje estão se desenvolvendo em todos os sentidos da palavra.

Contudo, os dias de hoje também têm seus riscos, e eles são graves. O problema mais disseminado do momento é a sensação de vazio que deixa muitos jovens à deriva por longo tempo, em uma época da vida em que deveriam definir suas aspirações e fazer progressos rumo à sua realização. Atualmente, para muitos jovens, a apatia e a ansiedade tornaram-se o estado de espírito predominante, e o desinteresse e até mesmo o cinismo têm substituído o seu natural otimismo.

Esse não é um problema que possa ser tratado com soluções consagradas no passado. Na verdade, os padrões elevados defendidos por mim e por outros não são resposta suficiente a essa questão em particular. A mensagem de que os jovens fazem melhor quando são desafiados

a se esforçar, a conquistar, a servir – mensagem que ainda mantenho com convicção – é falha quando se trata da mais essencial das questões: *para quê?* Para os jovens, essa inquietação significa começar a formular e a responder questões como: o que espero conseguir com todo meu empenho, com todo esforço que se espera de mim? Qual é o objetivo maior que dá significado a esse esforço? O que importa para mim; e por que deveria importar? Qual é minha preocupação máxima na vida?

A menos que façamos de tais questões o elemento central de nossas conversas com os jovens, pouco poderemos fazer senão nos recostar e observar enquanto eles vagueiam num mar de confusão, de falta de rumo, insegurança e ansiedade – sentimentos que muitas vezes afloram quando trabalho e empenho não são acompanhados por um projeto vital.

A juventude é uma época de idealismo, e quando são aconselhados a buscar realização e entusiasmo na vida os jovens levam isso a sério. Mas, esses conselhos, dados apenas à margem de sua experiência diária (como na época de sua formatura ou em outras ocasiões solenes), tendem a ser abundantes em generalizações e escassos em detalhes proveitosos. No mundo real da competição, dos requisitos de emprego e das responsabilidades sociais, “de que jeito – pensa o jovem – posso encontrar algo que seja tão gratificante quanto significativo? Como posso ir atrás dos meus sonhos e evitar ‘me vender’ sem diminuir minhas chances de sustentar a mim mesmo e à família que gostaria de ter? Como posso ganhar a vida como um membro valorizado da sociedade e fazer diferença no mundo?” Essas são questões que, cedo ou tarde, todo jovem deve confrontar a fim de fazer suas escolhas mais cruciais.

Será que ele encontra as respostas para tais questões na escola ou faculdade? Quem dera poder dizer que sim. A maioria das escolas de ensino médio é boa na formação de habilidades básicas e tem se aperfeiçoado nessa tarefa nos últimos anos. As faculdades são boas para apresentar aos jovens um mundo fantástico de ideias e culturas diferentes. Tudo isso enriquece a vida pessoal e intelectual dos estudantes de forma incomensurável.

Mas, quando se trata de guiá-los em direção a caminhos futuros que eles julgarão gratificantes e significativos, nossas escolas deixam a desejar. Os estudantes apreendem uma miscelânea de conhecimentos que acreditam ser de pouca utilidade prática; e, de tempos em tempos, alguém em uma reunião escolar os exorta a sair e fazer coisas importantes para o mundo. Mas no que diz respeito a estabelecer uma conexão entre os dois – ou seja, mostrar aos estudantes por que e como uma fórmula matemática ou uma lição de história pode ser importante para algum projeto vital que eles talvez queiram perseguir –, as escolas geralmente deixam muito a desejar.

Se você visitar uma típica sala de aula e prestar atenção no que os professores impõem aos estudantes, verá “quilos” de tarefas escolares, instruções para as provas e um monte de exercícios. Se quiser saber do professor *por que* os estudantes têm de cumprir essas tarefas, ouvirá uma quantidade de objetivos estreitos e instrumentais, como “ir bem em sala de aula”, “ter boas notas” e “evitar a reprovação”, ou, talvez – se os estudantes tiverem sorte –, “o valor de aprender uma habilidade específica para seu próprio bem”. Mas raramente (ou nunca) você ouvirá o professor debater com os alunos projetos vitais mais amplos do que quaisquer desses objetivos. Por que as pessoas leem ou escrevem poesia? Por que os cientistas isolam os genes? Por que, de fato, batalhei para me tornar um professor? Por incrível que pareça, em todos esses anos como estudioso do desenvolvimento e da educação de jovens, nunca vi um caso sequer de um professor que compartilhasse com os alunos as razões pelas quais ele ou ela escolheu a profissão de educador. Aliás, também não costumo ouvir esse tipo de conversa sobre o significado mais profundo de nossos esforços, nem nas famílias nem em qualquer programa da mídia direcionado ao jovem. Como podemos esperar que ele encontre um significado no que está fazendo, se tão raramente atraímos sua atenção para o projeto vital e o significado pessoal do trabalho que executamos em nosso dia a dia?

Meus estudos – e este livro – têm um objetivo: mostrar a importância primordial dos projetos vitais no desenvolvimento do jovem a todos

aqueles que se interessam por ele, sejam pais, educadores, cientistas, profissionais da área do desenvolvimento juvenil ou cidadãos da sociedade que um dia o jovem de hoje vai herdar. Entre todos esses leitores, a noção de projeto vital já é, de certa forma, familiar. Houve alguns estudos anteriores na psicologia sobre o projeto vital na juventude (embora não tantos quanto era de esperar), e o sucesso de vendas de 2003 de Rick Warren *The purpose-driven life* [*Uma vida com propósitos*. São Paulo: Vida, 2003] atraiu enorme atenção do público para o conceito, de um ponto de vista devotamente religioso. O novo campo da psicologia positiva também tem lançado uma luz muito bem-vinda sobre os benefícios do projeto vital.⁵ Ainda assim, em nossos esforços para trabalhar construtivamente com o jovem, tais ferramentas são mal aproveitadas. Apesar de todo o discurso sobre o tema nos veículos de comunicação de massa e em outros cenários populares, ele permanece um conceito marginalizado nas ciências humanas, na maioria das famílias e em praticamente todas as nossas escolas – em outras palavras, simplesmente em todos os lugares que tentam compreender o jovem para promover seu desenvolvimento saudável. Minha esperança é de que este livro ajude a mudar isso.

O autor

NOTAS

- 1 COLBY, Anne; DAMON, William. *Some do care: contemporary lives of moral commitment*. Nova York: Free Press, 1992.
- 2 Meus colaboradores no “The Good Work Project” são Howard Gardner e Mihaly Csikszentmihalyi. Veja GARDNER, H; CSIKSZENTMIHALYI, M; DAMON, W. *Good work: when excellence and ethics meet*. Nova York: Basic Books, 2001 (em português: *Trabalho qualificado – Quando a excelência e a ética se encontram*. São Paulo: Bookman, 2004) e também goodworkproject.org.
- 3 O projeto “currículo itinerante” foi realizado em colaboração com The Project for Excellence in Journalism e The Committee for Concerned Journalists (journalism.org).
- 4 Nossos estudos sobre projeto vital na juventude estão longe de se concluir: estamos no meio de um extenso programa de coleta e análise de dados que, esperamos, vão ampliar e refinar a primeira rodada de conclusões discutidas neste livro.
- 5 PETERSON, Christopher; SELIGMAN, Martin. *Character strengths and virtues: a handbook and classification*. Nova York: Oxford University Press, 2004.

1 Jovens vidas sem rumo

AS PERSPECTIVAS DE VIDA de um jovem no mundo de hoje estão longe de ser exatas. Há apenas poucas décadas, quase todo jovem já sabia, ao final da adolescência, onde ia viver, qual seria sua ocupação e com quem ia se casar. Hoje, a maior parte dos jovens não tem resposta para essas questões nem ao chegar à vida adulta. A economia global fez crescer as possibilidades e as pressões para que os jovens se mudem para longe das comunidades em que cresceram. Até mesmo os mais instruídos passarão anos em empregos temporários, sem se estabelecer em um ramo permanente de trabalho – e, na verdade, a própria noção de ramo permanente de trabalho tem sido questionada, já que muitas carreiras estão envolvidas em uma sucessão de empregos de curto prazo e sem conexão entre si. Quanto à formação de sua família, por todo o mundo os jovens adultos estão adiando ou rejeitando o casamento. Se essa tendência continuar, uma parcela cada vez maior da população jamais se casará, ou esperará até que a idade fértil quase tenha se acabado.¹

Alguns dos jovens de hoje saúdam essas mudanças e as novas oportunidades que elas oferecem. Eles têm aspirações claras para seu futuro. São fortemente motivados, cheios de energia, otimistas e criaram planos realistas para atingir suas ambições. Confiantes em si próprios, eles se divertem explorando o mundo e testando os limites de seu potencial. Longe de precisar de qualquer proteção ou estímulo, praticamente nada os detém. Em resumo, eles encontraram um *projeto vital* que os inspira e lhes dá direção.